

# Revista brasileira de vídeo registro em LIBRAS

Prof. Dr. Rodrigo Rosso Marques<sup>1</sup>

## RESUMO

Partindo da problemática de que a escrita para as pessoas surdas sempre foi um desafio no cotidiano escolar e social, propõe-se repensar esta questão a partir de uma abordagem fenomenológica. O Grupo de Pesquisa Vídeo Registro em Libras chama a atenção não à criação de uma forma de registro inovadora, mas perceber uma escrita *que está aí*, disponível a todas as pessoas que compartilham a experiência visual. Esta escrita não precisa ser aprendida, ela é pública e independente, necessita apenas ser reconhecida enquanto tal e ser sistematizada na sua forma de representação. Através de uma investigação fenomenológica, da constatação dessa forma de registro, iniciou-se o processo de sistematização tendo como ponto de partida as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas. O resultado deste trabalho está na criação, desenvolvimento e divulgação da Revista Brasileira de Vídeo Registro em Libras.

**Palavras-chave:** Registros – Língua de Sinais – Vídeos – Normas

## 1. INTRODUÇÃO

Vivenciar a educação de surdos na atualidade é buscar constantes respostas a desafios que se apresentam a nós diariamente, seja de forma pedagógica, empírica ou política. Se por um lado pensamos a Língua de Sinais como primeira língua, não seria de outra lógica pensar nela como também a escrita.

Ora, pois, esta lógica que impregna nosso pensamento remete-nos a um entendimento, ou estado de consciência de que, sequencial e obrigatoriamente, o registro *deve* ser “escrito”.

Há, porém um diferencial entre o registro e a escrita, a escrita pode ser um registro, mas um registro não é necessariamente uma escrita. E se temos este entendimento lógico, surge a pergunta: Qual a obrigatoriedade de uma língua visual ser essencialmente escrita?

É neste aspecto que chama à atenção nesta pesquisa, o espaço e o tempo, dois itens suficientes para corroer qualquer ideia que não bastante sólida e abrangente para criar uma forma de registro às pessoas que desconhecem as significações das pronúncias sonoras.

<sup>1</sup> Professor Adjunto da Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão. Departamento de Artes e Libras. Coordenador do Curso de Graduação em Letras – Libras. E-mail: [rodrigo.rosso@ufsc.br](mailto:rodrigo.rosso@ufsc.br)

Não obstante, é notável que, assim como Ponce de León (1520-1584) que utilizou o alfabeto manual para ensinar crianças surdas a registrar as palavras soletradas com as mãos, o interesse de consolidar a estas pessoas a forma visível de uma escrita sistematizada e coerente perpassa as épocas.

Pode-se criar intencionalmente um conjunto de caracteres que venha a ter semelhantes funções da escrita que hoje conhecemos, mas teria ela o poder de se instalar nos mais diferentes lugares e ser acolhida? E permaneceria ela enquanto registro que transpõe o tempo, passando por gerações e gerações? Estas são minhas constantes reflexões, pois sim, este é o maior desafio de um registro a ser pensado.

Dada então esta preocupação, recorre-se a atitude transcendental, procurando refletir quais possibilidades emergem a partir da consistência de ser surdo. Nas orientações de Merleau-Ponty (1975):

[...] refletir é revelar um irrefletido que está à distância, um irrefletido que éramos ingenuamente e que agora não somos mais, sem que possamos duvidar de que a reflexão o atinja, pois é graças a ela que temos noção dele. Não é, portanto, o irrefletido que contesta a reflexão, mas a própria reflexão que se contesta a si mesma porque seu esforço de retomada, posse, interiorização ou imanência só tem sentido frente a um termo já dado, que se abriga em sua transcendência sob o olhar que vai buscá-lo ali<sup>2</sup>

Seguindo esta linha realizamos uma investigação para evidenciar como a Língua de Sinais se apresenta na *atitude natural*, como as pessoas surdas se manifestam à distância, como elas deixam suas marcas, seus pensamentos e mensagens a partir desta mesma língua.

Sendo a Língua de Sinais uma língua visível, é natural que, sua representação no mundo também seja pública, disponível a todas as pessoas surdas e não surdas. Assim os caminhos representados pela Língua de Sinais em si e para si, na sua completude, magnificência, clareza e naturalidade, só pode ser evidenciado com o auxílio das novas tecnologias, como gravações, mídias, vídeos e internet.

Constatamos assim que as pessoas surdas usam como instrumento de registro, estudos e divulgação, servidores de vídeo como o *Youtube*, Mídias, *WebCams*, Hospedeiros entre outras tecnologias que permitam o uso da Língua de Sinais na sua essência e harmonia assim como expôs Merleau-Ponty (1999) que “(...) não se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua “facticidade”.

Assim sendo, pelas constatações a nós apresentadas, concluímos que o caminho para um registro da Língua de Sinais só poderia partir dela mesma, porém sua aceitação no âmbito acadêmico, não poderia ser na informalidade dos discursos.

Iniciou-se então um novo desafio que seria a sistematização de produções realizadas através dos vídeos em Língua de Sinais e tomamos como ponto de partida a produção de artigos científicos.

<sup>2</sup> MERLEAU-PONTY, M. O filósofo e sua sombra, Sobre a fenomenologia da linguagem, A linguagem indireta e as vozes do silêncio, in: *Textos Escolhidos* (Os Pensadores). v. XLI. São Paulo: Editora Abril, 1975.

## 2. O INÍCIO DOS TRABALHOS

Partindo das Normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas, em especial as NBR6022, NBR6023, NBR6028 e NBR10520, que tratam especificamente de artigos científicos, referências bibliográficas, resumos e citações, buscamos fazer um paralelo em como essas normas poderiam ser aplicadas às produções em Língua Brasileira de Sinais.

Utilizamos vários exemplos de vídeos em Língua de Sinais coletados ou produzidos pelo grupo e diversas reuniões foram realizadas com discussões acerca dessas possibilidades conseguiram aproximar a proposta das normativas com aplicabilidade aos vídeos em Língua de Sinais.

É importante destacar que o grupo de pesquisa é composto por professores, alunos da graduação, da pós-graduação, associação de surdos, ambos surdos (maioria) e não surdos configurando assim uma equipe realmente envolvida no tema tanto profissionalmente quanto pessoalmente. Outra característica importante do grupo é que todos são fluentes e nossas reuniões eram essencialmente em Língua de Sinais.

A estratégia para descobrir uma aproximação da normativa da Língua Portuguesa para a Língua de Sinais adota a seguinte orientação:

No primeiro momento, o material (norma ABNT) é enviado via *moodle* para ser estudado coletivamente próximo encontro, com todos os detalhes sendo discutidos, consolidando assim o entendimento do conteúdo por todos os envolvidos.

Em um segundo momento, são realizadas coletas ou produções de vídeos nos mais diversos meios, como *YouTube*, *Moodle* (Letras-Libras), DVDs, Vimeo, entre outras possibilidades que nos apresente vídeos em Língua de Sinais.

O terceiro momento é crucial, justamente o confronto entre o que pede a norma e o que a Língua de Sinais oferece. Dificilmente a conclusão chega de imediato, a discussão engloba muitos aspectos além da normativa em si. Um exemplo claro seria, por exemplo, o estudo do “Fundo” da filmagem. Quais implicações psicológicas as cores do fundo de um vídeo? Ou quais as cores possíveis, ou acessíveis aos sinalizantes sem que para isso tenham que recorrer a estúdios profissionais? Qual software seria abrangente a todos sem o subsídio de um apoio técnico especializado. Ou ainda, qual cor seria menos prejudicial, ou cansativa, aos olhos do leitor?

O último momento é resultado das discussões e produção do vídeo piloto elaborado em duplas ou individualmente pelos membros do grupo. É a partir daqui que vamos analisar quais os vídeos se apresentam a nós como um equilíbrio entre a Língua de Sinais, considerando sua modalidade, experiência, harmonia e a norma ABNT em seus aspectos específicos.

Como podemos observar, a discussão envolve muitas questões, tanto empírica quanto sistemática, digo empírica porque para nós a experiência visual é o que nos guia e orienta e, sistemática, porque há um “padrão” exigido pela academia que configura a formalidade.

A experiência visual é fundamental em nossa análise, dada a modalidade visual da Língua de Sinais, e sobre esta experiência Merleau-Ponty destaca:

[...] a partir do momento em que reconheci que minha experiência, justamente enquanto minha, abre-me para o que não é eu, que sou sensível ao mundo e ao outro, todos os seres que o pensamento objetivo colocava a distância aproximam-se singularmente de mim. Ou, inversamente, reconheço minha afinidade com eles, sou apenas um poder de ecoá-los, responder-lhes.<sup>3</sup>

E por este caminho que trilhamos nosso objetivo de levar a Língua de Sinais enquanto registro dela mesma, dada a consistência, organização e formalidade do nosso trabalho, produzimos então uma revista *online*, denominada Revista Brasileira de Vídeo Registro em Libras, cujo objetivo principal é promover a publicação, divulgação de artigos científico acadêmicos inéditos na Língua Brasileira de Sinais.

Apresento abaixo o site da revista, localizada no sítio da internet sob o endereço <http://revistabrasileiravrlibras.paginas.ufsc.br/> da Universidade Federal de Santa Catarina.



Figura 1: sítio da Revista Brasileira de Vídeo Registro em Libras

No espaço “Normas de Publicação” contém o acervo de detalhes de como seriam os vídeo-artigos em Língua de Sinais, abaixo citarei algumas normativas que compõe a estrutura do vídeo-artigo.

**Fundo e Iluminação:** O fundo para as filmagens deve ser branco e liso, sem desenhos, objetos ou qualquer outro item que chame a atenção. A iluminação deve ser cuidadosa, sem excesso ou carência de brilho, sombras precisam ser evitadas.

<sup>3</sup> MERLEAU-PONTY, Maurice. O metafísico no homem. In: *Os Pensadores*, São Paulo: Abril Cultural, 1975, p., 377, 378

**Vestuário:** Para a sinalização devem-se usar camisetas tipo básica (*T-Shirt*), com mangas curtas ou longas, o decote não deve ser aberto, não deve ter estampas, formas, listras, botões ou bolsos. Para a execução do artigo fica a seguinte orientação: a) Pessoas de pele clara devem utilizar camisas com cor azul marinho para os títulos, preta para os textos e vermelha para as citações. b) Pessoas morenas ou negras devem utilizar camisas com cor bege para os títulos, cinza para os textos e vermelha para as citações.

**Posição de Filmagem:** A posição da câmera deve ter a seguinte configuração: a) Parte superior: o quadro superior da câmera deve ficar entre 6 e 8 centímetros acima da cabeça. b) Lateral esquerda e direita: o quadro dos lados deve seguir a máxima posição dos cotovelos com os dedos médios se tocando a altura do peito. c) Parte inferior: o quadro inferior deve ficar entre 6 e 8 centímetros abaixo da posição das mãos do Sinalizante. A sinalização não pode sair do quadro de filmagem.

**Título, Autor/Tradutor:** Para o título deve ser feito o sinal de “título” e usar camisa azul ou bege (de acordo com o tom de pele), bem como o subtítulo (fazer uma pausa rápida entre o título e o subtítulo indicando “:”) se houver. Deve-se fazer o movimento de pausa, colocando as mãos em posição de “pausa” (mãos juntas à altura do umbigo) esperando 2 ou 3 segundos e iniciar apresentando o autor (em caso original) ou o tradutor (em caso de tradução). Soletrar o nome do autor (ou tradutor) e o contato (e-mail). Após apresentar o autor (ou tradutor) deve-se fazer referência ao item de rodapé e o respectivo número (normalmente o número 1). Para as traduções mediante autorização, o Tradutor se apresenta primeiro (nome, sinal, e-mail e nota de rodapé) depois anuncia que está realizando a tradução e apresenta o Autor. Entre o autor e o resumo deve haver um escurecimento e clareamento (2 a 3 segundos) da imagem indicando o início de outro tópico.

**Resumo:** O resumo deve ter entre 01 min 30 s (um minuto e trinta segundos) – mínimo – a 03 min (três minutos) – máximo – em sinalização normal (nem rápida nem muito devagar) e devem constar as finalidades, metodologia, resultados e conclusões do documento. Quando sinalizar “Resumo” deve-se usar camisa azul ou bege (de acordo com o tom de pele), e quando sinalizar o “texto do resumo” deve-se usar camisa preta ou cinza (de acordo com o tom de pele). Entre o resumo e os sinais principais não há escurecimento e clareamento da imagem apenas a “pausa”.

**Sinais Principais:** São os sinais principais (palavras-chave) que compõe o artigo e devem ter entre 3 (três) a 5 (cinco) sinais sinalizados com “pausa” aguardando 2 a 3 segundos entre os sinais. Quando sinalizar “Sinais Principais” deve-se usar camisa preta ou cinza (de acordo com o tom de pele), e quando sinalizar os “sinais” deve-se usar também camisa preta ou cinza (de acordo com o tom de pele). Depois dos sinais principais deve haver o escurecimento e clareamento da imagem indicando novo tópico.

**Abstract:** O *abstract* é o resumo traduzido em outra Língua de Sinais (Língua de Sinais Americana, Língua Gestual Portuguesa, Sinais Internacionais, etc.), e segue todas as regras do resumo e dos sinais principais.

**Citações:** As citações têm três formas de apresentação diferentes: a) Citação direta: quando se realiza cópia da citação idêntica da língua em questão. Se for em língua escrita, deverá apresentar a escrita no vídeo, em tela cheia, exatamente como no original. Deverá conter também o autor, ano e a página. No caso de a citação ser em Língua de Sinais, deve-se inserir a sinalização original, em tela cheia, ou faça idêntico ao original. Deve-se usar camisa vermelha para a citação. Também se deve colocar o autor, ano e a página no caso de escrita e autor, ano e tempo do vídeo no caso de Língua de Sinais. b) Citação indireta: quando se realiza um comentário sobre a citação do autor. Use camisa preta ou cinza (de acordo com o tom de pele) quando for sinalizar. Coloque o autor, ano e a página, ou tempo no caso da Língua de Sinais. c) Citação traduzida: quando se traduz uma citação em língua escrita para Língua de Sinais. Nesse caso deve-se mencionar que é uma tradução, utilizar camisa vermelha, citar o tradutor, o autor, ano e a página ou tempo no caso da Língua de Sinais. d) Citação de Citação (Apud): Neste caso, antes da citação deve-se dizer que ela está sendo citada dentro de outra produção. Se for direta tem que ser idêntica ao original, com camisa vermelha e se for indireta deve-se usar camisa preta ou cinza (de acordo com o tom de pele). Todas as citações devem ser sempre em tela cheia.

**Rodapé:** Ao utilizar um termo desconhecido ou novo, desejar completar informação importante ou fazer referência, deve-se utilizar o sinal específico de “rodapé” logo após o termo e atribuir um número sequencialmente a cada vez que utilizar uma nota de rodapé. As informações das notas de rodapé devem aparecer logo após a “conclusão” e contém todas as informações numeradas sequencialmente. A camisa utilizada para citar “Rodapé” (no final) é de cor azul ou bege (de acordo com o tom de pele) enquanto as informações do rodapé são com camisa preta ou cinza (de acordo com o tom de pele). Depois da nota de rodapé deve haver o escurecimento e clareamento da imagem indicando novo tópico.

**Tempo/Tamanho do Artigo:** O artigo deve possuir um mínimo de tempo de 25m (vinte e cinco minutos) ao máximo de 40m (quarenta minutos) na sua íntegra.

### 3. CONCLUSÃO

É pensando na legitimidade da Língua de Sinais Brasileira enquanto língua das pessoas surdas, como fator de inclusão social e escolar, seja em uma escola regular ou bilíngue, que nos motiva na busca de um resultado psicossocial e linguístico da comunidade surda, visto que a escrita, como já descrito inicialmente, sempre foi um obstáculo na vida da pessoa surda.

A Revista Brasileira de Vídeo Registro em Libras vem abrir espaços acadêmicos para que as pessoas surdas divulguem o seu conhecimento, o seu em si e para si na atitude natural do mundo vivido, sem a dependência do outro que até hoje nos limita ao seu entendimento, através das traduções e interpretações do registro e da voz.

Finalizando, temos consciência de tamanha responsabilidade de uma proposição onde a Língua de Sinais seja essencialmente oral e escrita em sua plenitude, podendo figurar uma revolução na educação das pessoas surdas, porém temos ainda mais ciência (e fê) que o caminho para uma educação de qualidade para esse público não segue outra linha de raciocínio que não seja a seguinte: surdos, mostrem (e registrem) suas mãos!

### Referências Bibliográficas

GARCIA, Thais; ALVES, Maria Bernardete Martins; BEM, Roberta Moraes de. *Mini curso normalização*. Florianópolis, 2010. 110 slides, color. Acompanha texto. Disponível em <[http://www.bu.ufsc.br/design/SLIDES\\_ARTIGOS\\_2012.pdf](http://www.bu.ufsc.br/design/SLIDES_ARTIGOS_2012.pdf)>. Acesso em 10 abril 2012.

HIGOUNET, Charles. *História concisa da escrita*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

HUSSERL, Edmund. *Meditações cartesianas: introdução à fenomenologia*. Trad. Frank de Oliveira. São Paulo: Madras, 2001.

KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. Tradução: Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2003.

MERLEAU-PONTY, M. O filósofo e sua sombra, Sobre a fenomenologia da linguagem, A linguagem indireta e as vozes do silêncio. In: *Textos Escolhidos (Os Pensadores)*. v. XLI. São Paulo: Editora Abril, 1975.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Ciências do homem e fenomenologia*. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Saraiva 1973.

MERLEAU-PONTY, Maurice. O metafísico no homem. In: *Os Pensadores*, São Paulo: Abril Cultural, 1975.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

### Sites:

<http://portalbu.ufsc.br/normalizacao-de-trabalhos-2/>

<http://revistabrasileiravrlibras.paginas.ufsc.br/>